

DEPOIMENTO

Lembrar para não esquecer Esquecer para lembrar

Carlos Drummond de Andrade



Educação em Revista, lembrando sempre as condições com que se produz a Educação, independentemente das características do relato das experiências com este objeto, não poderia trair este seu compromisso, esquecendo o depoimento de Carlos Drummond de Andrade. E, por isso, lembra a intimação do poeta logo na abertura do material poético do livro *Esquecer para lembrar*¹, de onde são extraídos os demais versos ou poemas constantes deste depoimento:

— *Você deve calar urgentemente as lembranças bobocas de menino.*
— *Impossível. Eu conto o meu presente.*
Com volúpia voltei a ser menino."

(Intimação, p.3)

Estes e os outros versos situam a memória crítica do escritor na movimentação brasileira geradora dos frutos econômicos, políticos, sociais, culturais e, especialmente, educacionais que extrapolam os primeiros decênios do nosso século. É neste período que se observa, mais nitidamente, a movimentação de um Brasil meio urbano, meio rural, isto é, o movimento das marchas e contra-marchas de um capitalismo agrário-exportador e de um capitalismo urbano-industrial. É do interior deste quadro que surge, descendente da oligarquia rural mineira, o escritor e a escrita em que se situam as vivências de Educação aqui lembradas.

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar*: Boitempo III. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

De um lado, a vivência de Educação do aluno de internato religioso, para onde eram encaminhados os filhos das elites, a serem disciplinados na perspectiva dos futuros quadros dirigentes do país. Vem daí a reflexão sobre a vida do jovem de quatorze anos, em 1916, como aluno "interno do Colégio Arnaldo, da Congregação do Verbo Divino, em Belo Horizonte" ("já conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco").² E vêm, ainda, as vivências do período de 1918 a 1919 como aluno "interno do Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo"³: colabora na *Aurora Colegial* e alcança, em provas parciais, denominadas "certames literários", postos de "coronel" e "general".⁴ Em 1919, é expulso "do Colégio, ao findar o ano letivo, em consequência de incidente com o professor de Português."⁵ Da primeira experiência estão aqui os poemas reunidos sob o título geral de "Primeiro Colégio"; da segunda, os poemas sob o título de "Fria Friburgo".

Do outro lado, a atenção viva do jovem intelectual ao reaparelhamento da Educação de Minas Gerais, patrocinado, no calor das lutas sociais do período, pela modernização capitalista da Reforma Educacional liderada por Francisco Campos no final dos anos 20. Drummond registra sua visão desta experiência educacional nos versos do poema "As Moças da Escola de Aperfeiçoamento". Com isso, ao sintonizar-se com a produção crítica da Educação, esta publicação, *Educação em Revista*, assume, pois, o compromisso com a memória deste objeto: lembrar para não esquecer.

2. ANDRADE, Carlos Drummond de. "Introdução Geral: Cronologia da Vida e Obra". In: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. p. 55/6

3. Idem, p. 56/7

4. Idem, *Ibidem* p. 57

5. Idem, *Ibidem* p. 57

PRIMEIRO COLÉGIO

FIM DA CASA PATERNA

*E chega a hora negra de estudar.
Hora de viajar
rumo à sabedoria do colégio.*

*Além, muito além de mato e serra,
fica o internato sem doçura.
Risos perguntando, maliciosos
no pátio de recreio, imprevisível.
O colchão diferente.*

*O despertar em série (nunca mais
acordo individualmente, soberano).
A fisionomia indecifrável
dos padres professores.
Até o céu diferente: céu de exílio.
Eu sei, que nunca vi, e tenho medo.*

*Vou dobrar-me
à regra nova de viver.
Ser outro que não eu, até agora
musicalmente agasalhado
na voz de minha mãe, que cura doenças,
escorado
no bronze de meu pai, que afasta os raios.
(. . .)*

II

*A "condução" me espera:
o cavalo arreado, o alforje
da matalotagem,
o burrinho de carga,
o camarada-escudeiro, que irá
na retaguarda,
meu pai-imperador, o Abre-Caminho.*

*Os olhos se despedem da paisagem
que não me retribui.
A casa, a própria casa me ignora.
Nenhuma xícara ou porta me deseja
boa viagem.
Só o lenço de minha mãe fala comigo
e já se recolheu.*

III

*São oito léguas compridas
no universo sem estradas.
São morros de não-acaba
e trilhas de tropa lenta
a nos barrar a passagem.
Pequenos rios de barro
sem iaras, sem canoas
e uns solitários coqueiros
vigiando mortas casas
de falecidas fazendas.
(. . .)*

*Quando termina a viagem,
se por acaso termina,
pois vai sempre se adiando
o pouso que o pai promete
a consolar o menino?
Que imenso país é este
das Minas fora do mapa
contido no meu caderno?*

(p.86)

*Que Minas sem fim nem traço
de resmungo entre raríssimos
roceiros que apenas roçam
mão na aba do chapéu
em saudação de passante?
O cavalgar inexperto
martiriza o corpo exausto.
Se bem que macia a sela,
deixa o traseiro esfolado.
(. . .)*

(p. 87)

IV

*Tenho que assimilar a singularidade
do trem-de-ferro.
Sua bufante locomotiva, seus estertores,
seus rangidos, a angustiante
ou festiva mensagem do seu apito.*

*Ah, seus assentos conjugados de palhinha
sobre o estofo.
Nunca viajei em bloco, a vida
começa a complicar-se.
Novidade intrigante, o sabonete
preso na corrente.*

Minha terra era livre, e meu quarto infinito.

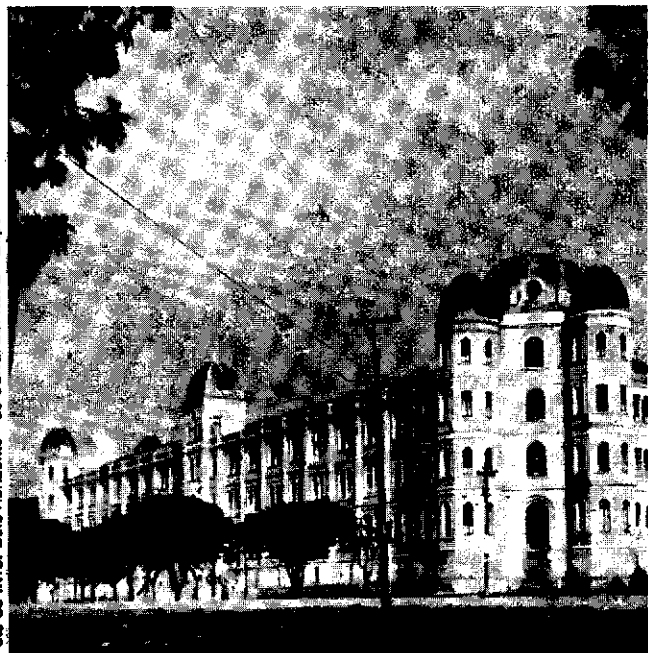
(p. 87)

(p. 85)

(p.86)

(p.86)

Foto do livro: Belo Horizonte - de Curral Del Rei à Pampulha



AULA DE PORTUGUÊS

*A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.*

*A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o Amazonas de minha ignorância,
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdam-me, seqüestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.*

O português são dois; o outro, mistério.

(p. 87/8)

AULA DE FRANCÊS

*Cette Hélène qui trouble et l'Europe et l'Asie,
mas o professor é distraído,
não vê que a classe inteira se aliena
das severas belezas de Racine.
Cochicham, trocam bilhetes e risadas.
Este desenha a eterna moça nua
que em algum país existe, e nunca viu.
Outro some debaixo da carteira.
Os bárbaros. Será que vale a pena
ofertar o sublime a estes selvagens?*

*O Professor Arduíno Bolívar
fecha a cara, abre o livro.
Ele não os despreza. Ama-os até.
Podem fazer o que quiserem.
Ele navega só, em mar antigo,
a doce navegação de estar sozinho.
Tine a campanha.
Acabou a viagem, no fragor
de carteiras e pés.
O professor regressa ao rígido
sistema métrico decimal das ruas de Belo Horizonte.*

(p. 88)

AULA DE ALEMÃO

*Baixo, retaco, primitivo,
Irmão Paulo, encarregado da livraria
e do ensino de Goethe a principiantes,
leu um único livro em sua vida:
Arte de Dar Cascudos,
que ele pratica bem, mas não ensina.
Os lábios assustados ficam mudos
para sempre, em germânico.*

(p. 89)



A NORMA E O DOMINGO

*Comportei-me mal,
perdi o domingo.
Posso saber tudo
das ciências todas,
dar quinau em aula,
espantar a sábios
professores mil:
comportei-me mal,
não saio domingo.*

*Fico vendo mosca
zanzar e zombar
de minha prisão.
(...)*

*Lá fora a cidade
é mais provocante
e seu pátio aberto
recobre ignorantes
dóceis ao preceito.
(...)*

*Abomino a ordem
que confisca tempo,
que confisca vida
e ensaia tão cedo
a prisão perpétua
do comportamento.*

(p. 93/4)

PROGRAMA

*Que vais fazer no dia de saída?
Acaso vai reinventar a vida?
Dizendo adeus a negras matemáticas,
nunca mais voltar ao colégio férreo?*

*Montar em pêlo o macho Trintapatas
e galopar no rumo do Insondável?*

*Buscar destino de cigano ou pária,
livre pra lá da Serra do Curral?*

*Vais procurar o que é vedado e chama:
a pedra, o som, o signo, a senha, o sumo?*

*- Vou visitar os tios e os padrinhos.
Vou chateá-los e chatear-me, apenas.*

(Preceito Dez, das Tábuas da Família.)

(p. 90)

FRIA FRIBURGO

PRIMEIRO DIA

*Resumo do Brasil no pátio de areia fina.
Sotaques e risos estranhos.
Continente de almas a descobrir
palmo a palmo, rosto a rosto,
número a número,
ferida a ferida.
Mal nos conhecemos, a palavra-mistério
na pergunta-sussurro
é pedrada na testa:
- Você gosta de foder?*

(p. 95)

SEGUNDO DIA

*Sou anarquista. Declaro honestamente.
(A tarde vai cerzindo no recreio
o pano de entrecortada confissão.)
Espanto, susto. Como?
O quê? Por quê? Explica essa besteira.*

*A solução é a anarquia. Sou
anarquista. Nem de longe vocês captam
o sublime anarquismo. Sou.
Com muita honra. Mas vocês, que são?
Vocês são uns carneiros
de lâ obediente.*

*Zombam de mim. Me vão: Anarquista
a-nar-quis-tá a-nar-quis-tá-tá!
(Medo de mim, oculto em gozação?)
O bicho mau, o monstro repelente
conspurcando o jardim de Santo Inácio.
(...)*

(p. 95)

TERCEIRO DIA

*Mamãe, quero voltar
imediatamente.
Diz a Papai que venha me buscar.
Não fico aqui, Mamãe, é impossível.
Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro
este infinito espaço ultrafechado.
Esta montanha aqui eu não entendo.
Estas caras não são caras da gente.
E faz um frio e tem jardins fantásticos mas sem
o monsenhor, o beijo, a crisandália
que são nossos retratos de jardim.
Da comida não queixo, é regular
mas falta a minha xícara, guardou
para quando eu voltar?
Ai Mamãe, minha Mãe, o travesseiro
eu ensopei de lágrimas ardentes
e se durmo é um sonhar de estar em casa
que a sineta corta ao meio feito pão:
hora de banho madrugadora
de chuveiro gelado, todo mundo.
Nunca tomei banho assim, sou infeliz
longe de minhas coisas, meu chinelo,
meu sono só meu, não nesta estepe
de dormitório que parece um hospital.*

*Mamãe, o dia passou, mas tão comprido
que não acaba nunca de passar.
Um ano à minha frente? Não agüento.
Mas vou fazer o impossível. Me abençoe.
E faz um frio. . . A caneta está gelada.
(. . .)*

(p. 96)

DISCURSOS

*Chegam os padres de Paris.
São festejados com discursos.
Fazem anos os padres importantes.
Envolve-os o aroma de discursos.
Convalescem os padres de sombrias
pneumonias duplas.
Em discursos a alta se proclama.
(. . .)*

*A oratória celebra estes prodígios
em tropos sublimes. Como falam
bonito meus colegas.
Que anástrofes, metáforas, perfrases,
que Cíceros, Demóstenes e Ruis.
Na aula de Português eles nem tanto.
Mas é soltar o verbo, e jorram
estrelas em forma de vocábulos
para saudar nossos amados guias.
O espírito da eloquência
baixa de não sei onde e lhes inspira
rasgos terreaus de Mont'Alverne.
É pena: ainda não vi
ninguém fazer um discursinho mesmo chocho
ao Irmão Falcão, enaltecendo
a grata, oportuna cervejinha
por ele fabricada.*

(p. 118)



Foto Agência JB

RETIRO ESPIRITUAL

*Padre Natuzzi, voz de ouro,
fala do céu, essa infinita aurora
a que seremos todos transportados
se.*

*Fala também do abismo arquimedonho
em que, a gordurosas culpas amarrado,
de ponta-cabeça irei precipitar-me
se.*

*Nem preciso escutá-lo.
É pregador tão célebre, sua prédica
penetra na consciência sem passar
por distraída orelha.
Já deliberei: a santidade
é meu destino.*

*Juiz não quero ser, nem artilheiro,
médico, romancista ou navegante.
Quero ser e vou ser: apenas
santo.
Pode voltar, Padre Natuzzi, descansado.*

*Em beatitude sorvo o almo silêncio
do pátio onde passeiam pensativos
os de ontem ruidosos palradores.
A alma! A alma! Que beleza é a alma!*

*Ela salva! E eu salvo com ela. . .
se não fosse
esse colega aí, rangente, a remoer
em voz informativa autorizada
vidas de santos, único a falar,
perturbando a minha salvação.*

*E santo já não sou,
mas barro e palavrão,
humana falha, signo terrestre.*

(p. 118/19)

PUNIÇÃO

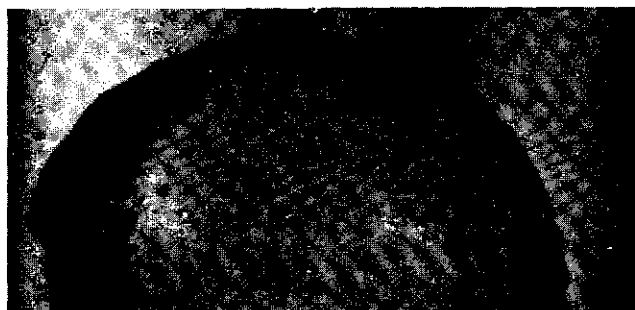
*"74, fique de coluna."
Lá vou eu, de castigo, contemplar
por meia hora o ermo da parede.*

*Meia hora de pé, ante o reboco,
na insensibilidade das colunas
de ferro (inaciano?) me resgata.*

*Eis que eu mesmo converto-me em coluna,
e já não é castigo, é fuga e sonho.
Não me atinge a sentença punitiva.*

*Se pensam condenar-me, estão ilusos.
A liberdade invade minha estátua
e no recreio ganho a azul distância.*

(p. 115)



CERTIFICADOS ESCOLARES

I

*Do certame literário
neste grande educandário,
o nosso aluno mineiro,
pacato, aplicado, ordeiro,
sai louvado com justiça,
por ter galgado na liça
este sonhado ouropel:
o posto de coronel
em francês, inglês, latim.
Que Deus o conserve assim.*

II

*Em literário certame
após rigoroso exame
escrito, oral e o que mais,
de resultados cabais,
o nosso caro estudante
discreto, pouco falante,
conquistou em Português,
sem mas, porém ou talvez,
o ápice colegial
dos galões de general.*

III

*Por seu bom comportamento
em cada hora e momento,
seja em aula ou no recreio,
na capela ou no passeio,
acordado e até no sono
(do que todos dão abono),
receberá hoje ufano
o prêmio maior do ano,
e que em silêncio não passe:
medalha de prima classe.*

IV

*Que resta fazer agora
no adiantado da hora
de nossa faina escolar
em forma complementar
com relação a este aluno
e que se torne oportuno
para melhor prepará-lo
qual adestrado cavalo,
da vida no páreo duro?
Que seja expulso – no escuro.*

(p. 121/23)

ADEUS AO COLÉGIO

I

Adeus colégio, adeus vida
vívuda sob inspeção,
dois anos jogados fora
ou dentro de um caldeirão
em que se fritam destinos
e se derrete a ilusão.
Já preparo minha trouxa
e durmo na solidão.
Amanhã cedo retiro-me,
pego o trem da Leopoldina,
vou ser de novo mineiro.
Da angústia a lâmina fina
começa a me cutucar.
É uma angústia menina,
ganhará forma de cruz
ou imagem serpentina.
Sei lá se sou inocente
ou sinistro criminoso.
Se rogo perdão a Deus
ou peço abrigo ao Tinhoso.
Que será do meu futuro
se o vejo tão amargoso?
Sou um ser estilhaçado
que faz do medo o seu gozo.

II

Nada mais insuportável do que essa viagem de trem.
Se me atirassem no vagão de gado a caminho
do matadouro
talvez eu me soubesse menos infeliz.
Seria o fim, e há no fim uma gota de delícia,
um himalaia de silêncio para sempre.
Não quero ouvir falar de mim.
Não quero eu mesmo estar em mim.
Quero ser o barulho das ferragens me abafando,
quero evaporar-me na fumaça,
quero o não querer, quero o não-quero.
Como custa a chegar o chão de Minas.
Será que se mudou ou se perdeu?
Olho para um lado. Para outro.
O esvoaçar de viuvez
no todo preto da senhora à esquerda,
no preto dos vestidos, das meias e sapatos
de duas mocinhas de olhos baixos,
não tão baixos assim. Essa os levanta
cruza com os meus, detêm-se. O luto evola-se.
É um dealbar no trem tristonho,
sonata em miosótis, aragem na avenca
súbito surginte
em jarra cristalina.
Cuidados meus, desgraças minhas,
eia, fugi para bem longe,
O idílio dos olhos vos expulsa,
como expulso fui eu, ainda há pouco,
de outra forma – que forma? nem me lembra.
Vem do céu a menina e a ele me leva,
leves, levíssimos os dois.
Palavra não trocamos: impossível,
mãe presente.
E para que trocá-las, se nem sei
se vigoram palavras nesta esfera
diáfana, a que me vejo transportado?

Nem idéia de amor acode à mente,
que o melhor de amar não é dizer-se,
nem mesmo sentir-se: é nos abrir
a mais sublime porta subterrânea.
Estou iluminado
por dentro, no passado,
no futuro mais longínquo
é meu presente é não estar no tempo
e alçar-me de toda contingência.
De banco de palhinha a banco de palhinha,
entre fagulhas de carvão
fosforescentes na vidraça,
entre conversas e pigarros,
diante do chefe-de trem que picota bilhetes,
torna-se a vida bem não desgastável
se a menina sorri
quase sem perceber que está sorrindo.
Nem a irmã reparou. Mas eu colhi
a laranja de flores deste instante
que vou mastigando como um deus.
Foi preciso sofrer por merecê-la?
Agora que a alcancei, não deixo mais
este comboio, este sol. . .

III

Por que foi que inventaram
a estação de Entre Rios?
E por que se exige aqui baldeação
aos que precisam de Minas?
Já não preciso mais. Vou neste trem
até o infinito dos seus olhos.
Advertem-me glacialmente:
"Tome o trem da Central e vá com Deus."
Como irei, se vou sozinho e sem mim mesmo
se nunca mais, se nunca mais na vida
verei essa menina?
Expulso de sua vista
volto a saber-me expulso do colégio
e o Brasil é dor em mim por toda parte.

(p. 123/5)

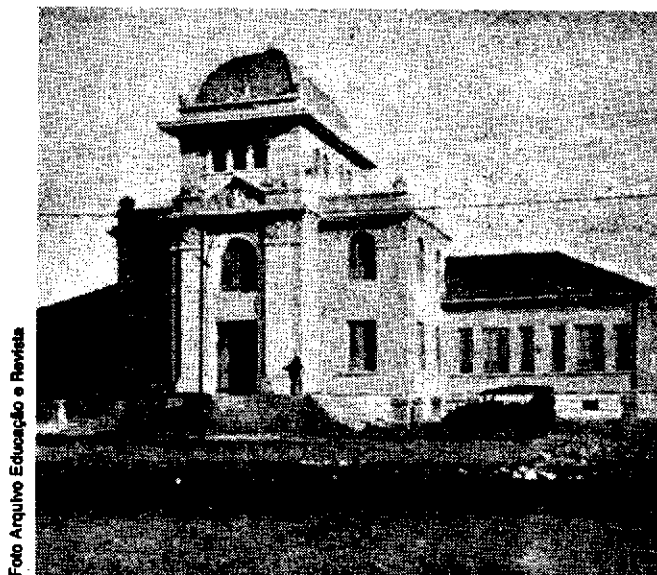


Foto Arquivo Educação e Revista

MOCIDADE SOLTA

AS MOÇAS DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

São cinqüenta, são duzentas,
são trezentas
as professorinhas que invadem
a desprevenida Belô?
São cento e cinqüenta, ou mil
as boinas azuis e verdes
e róseas, alaranjadas
e negras também e roxas,
os lábios coracionais
e os tom pouce petulantes
que elas ostentam, radiosas?
De onde vêm essas garotas?
eu que sei?
Vêm de Poços, de São João
del Rei, Juiz de Fora, Lavras
Leopoldina, Itajubá,
Montes Claros, Minas Novas,
cidades novas de Minas
ainda não cadastradas
no Índice Coreográfico
de Pelicano Frade?
E são assim tão modernas,
tão chegadas de Paris
par le dernier bateau
ancorado na Avenida
Afonso Pena ou Bahia,
que a gente não as distingue
das melindrosas cariocas
em férias mineiras?
Que vêm fazer essas jovens?
Vêm descobrir, saber coisas
de Decroly, Claparède,
novidades pedagógicas,
segredos de arte e de técnica
revelados por Helène
Antipoff, Madame Artus,
Mademoiselle Milde, mais quem?
Ou vêm para perturbar
se possível mais ainda
a precária paz de espírito
dos estudantes vadios
(eu, um deles)
que só querem declinar
os tempos irregulares
de namorar e de amar?
Ai, o mal que faz a Minas,
a nós, pelo menos, frágeis,
irresponsáveis, dementes
cultivadores da aérea
flor feminina fechada
em pétalas de reticência,
a Escola novidadeira,
dita de Aperfeiçoamento!
A gente não dava conta
de tanto impulso maluco
doridamente frustrado
ante a pétrea rigidez
dos domésticos presídios
onde vivem clausuradas
as meninas de Belô,
e irrompe essa multitude
de boinas, bocas, batons

escarlates, desafiando
a nossa corda sensível.
Que faz Mário Casassanta,
autoridade do ensino,
que não devolve essas moças
a seus lugares de origem?
Chamo Seu Edgarzinho,
responsável pela Escola.
Que ponha reparo – peço-lhe –
nas crianças do interior
que ficaram sem suas mestras.
Convém restituí-las logo
à tarefa habitual.
Ele responde: "São ordens
do Doutor Francisco Campos,
nosso ilustre Secretário
de Educação e Cultura.
Carece elevar o nível
do ensino por toda parte.
Vá-se embora, não insista
em perturbar nossos planos
racionais."
Vou-me embora. Já na esquina
a boina azul me aparece
sob o azul universal
que faz de Belô um céu
pousado em pelúcia verde.
Sua dona, deslizante
entre formas costumeiras
é diferente de tudo
e não olha para mim
deslumbrado, derrotado,
que vou bobeando assim.
Não há professora feia?
Pode ser que haja. A vista,
até onde o sonho alcança,
cinge a todas de beleza,
e a beleza, disse alguém,
é mortal como punhal.

(p. 158/60)

